

## O SONHO NÃO ACABOU

### Direção

Sérgio Resende

### Roteiro

Jorge Duran, José Joffily  
e Sérgio Resende

### Fotografia

Edgar Moura

### Cenografia

Rita Murinho

### Montagem

Vera Freire

### Música

Paul de Castro

### Elenco

Chico Diaz  
Miguel Falabella  
Daniel Dantas  
Louise Cardoso  
Lucélia Santos  
José Dumont  
Aluisio Batista  
B. de Paiva  
Guilherme Reis

35mm, cor  
1982

Em primeiro lugar, vamos a uma citação de *Naked lunch* de William Burroughs: "A droga é um modelo de monopólio e opressão. O dependente agüenta a sua falta até que as suas pernas drogadas o levem diretamente a cair sobre o raio da droga. A droga é quantitativa e mensurável com grande precisão. Quanto mais consomes menos a tens e quanto mais a tenhas, mais a usas. Todos os que se utilizam de alucinógenos os consideram sagrados: há cultos do peiote e do *yagé*, cultos do ha-xixe e dos fungos... mas ninguém sugeriu jamais que a droga seja sagrada. Não há cultos do ópio. O ópio é profano e quantitativo como o dinheiro... A droga é produto ideal, a mercadoria definitiva, não há necessidade de propaganda para que se venda. O cliente se arrastará por longas distâncias para suplicar por ela... O comerciante da droga não vende o seu produto ao consumidor, vende o consumidor ao produto. Não melhora nem simplifica sua mercadoria. Degrada e simplifica o cliente.



Paga os seus empregados em droga..."

*O sonho não acabou* não é um filme sobre a droga, embora o brilho ali seja constante. Nem um filme sobre Brasília, embora a cidade envolva e transporte a sua trama. Muito menos um filme sobre a juventude. A fita de Sérgio Resende é sobretudo um redemoinho de buscas, de procuras, de identificações nesta *bad trip* que já dura alguns anos.

A droga comporta-se como uma mera passagem, um veículo — como chamam os químicos aos suportes de seus medicamentos. O afastamento e a procura definem os espaços onde se debatem todos os personagens, e também o próprio filme.

Coexistem na fita dois pólos. Um altamente concentrado, por diversas vezes explodindo ao chocarem seus elementos no decorrer do enredo, representado pela dupla Biela/Silveirinha. Outro, diluído e volátil, encarna-se em Lucinha SD, Ricardo Roque, João, Carol, Super QI 150, etc. Todos envelam-se à força subterrânea chamada *O sonho não acabou*, que merece uma outra aproximação.

Danilo, vulgo Biela, é filho de um candango pioneiro na construção de Brasília, que se opõe a seguir a história paterna. Fugindo, procura em Silveirinha o seu *alter-ego* e salvação. Narciso e Sisifo de conseqüências desastrosas. O universo de Biela restringe-se a "não fazer força de graça" e sair do atoleiro da cidade-satélite, deixar de "apodrecer à toa". Desejos legítimos de qualquer filho do "mi-lagre".

Silveirinha é o rico, o poderoso, o amigo, o protetor, o inimigo. Ele é o dono que vai ser dono do Brasil, nas palavras de João. Tendo tudo, Silveirinha desenvolve o tema

enunciado por Burroughs: "o rosto do mal é sempre o rosto da necessidade total". Silveirinha atrai Biela pois percebe ali o seu rosto. *Easy riders* do planalto, os dois vão em busca dos seus paraísos artificiais, alcançando, de quebra, enlanguecedores olhares mútuos ao som de *Amigo*, de Roberto Carlos. O olhar de Biela reflete-se contudo na superfície do de Silveirinha, que, imerso em si, mostra-se frio ao que está fora de si. Sua busca de identificação esboça-se diante do reflexo que está mais além do espelho. Despedaçar-se se torna assim uma fatalidade.

Dentro deste conflito atômico, os seres diluídos não penetram, afastam-se dos grandes combates girando suas órbitas no vazio incorruptível. Lucinha SD, Ricardo Roque, João e Carol esperam a volta dos sonhos, fato prometido na *Estória do João*, peça teatral em que todos (uns mais e outros menos) estão envolvidos. Fugindo da família interiorana, ou da família classe média suburbana, ou da paternidade burocrata letra Z — todos perseguem um objetivo não definido. Os seus desejos são desejos de. A irmandade se faz na droga, onde suas orfanidades se protegem. Revoltas ausentes da Revolução escondem-se sobre a face de João; saudosos de um presente próximo abrigam-se em Ricardo Roque; lamentosa, Lucinha SD alcançou uma felicidade frustrante e impossível de ser refeita ainda a tempo de vivenciá-la. Para estes, a busca da identidade é uma espera pelo devir, máscaras no mais das vezes envolvidas pelo pesadelo.

Suas pretensões simplórias não escondem artimanhas. João quer escrever uma peça e amar Carol; Carol ama João e deseja ser artista principal da mesma peça; Luci-

inha está cansada de esperar, e como nas músicas de Chico — a banda passou e Carolina não viu — para ela a bola esvaziou, sentindo-se sozinha assoprando o balão. Em todos os casos, o beco é sem saída. Ricardo Roque, bem diz o nome, é fã dos Beatles e de Big Boy. Seu destino, possuindo um cacife tão pequeno, é permanecer sempre atrás dos fatos. O resto, bem, o resto são vestibulandos, ou seja, pessoas que medem sua pressão na sociedade pela quantidade de inimigos que chamam a si: 30/1, 40/1...

*O sonho não acabou* é um filme brasileiro que constrói a sua identidade através de cacos de filmes estrangeiros. Há necessidade de viajar até Corumbá pelas estradas, arrastando dois jovens drogados aos perigos naturais? Tudo bem, chame-se *Easy rider*. Banhos grupais junto à natureza? Ótimo, depois de tantos anos de *Woodstock*, até a TV utiliza-se do expediente. Objetos luminosos aproximando-se da Terra diante de um bando de ansiosos limpos d'alma? Eu já vi isso em *Contatos imediatos*. Anúncio de TV com o último cinema americano copiado tintin por tintin? Escolha-se diversas seqüências de filmes onde a fotografia dedica-se a este mister: primeira seqüência de Biela e sua máquina, com aquele azul chapado ao fundo; as composições contra edifícios e postes; o nascer do sol dos drogaditos em perspectiva.

Dirão alguns que o mimetismo e a cachoeira são coisas nossas, devidamente sancionadas depois de oitenta e tantos anos de cinema brasileiro. Mas Sérgio Resende aproveita-se para introduzir um pouco de humor entre os fragmentos que, sem deixar de perder sua substância, lançam olhares para além da fachada espelhada. Todas as citações possibilitam a inversão, como se as ondas impusessem-se ao mar. Evidentemente, há aí uma estratégia que vem sendo usada entre nós com sucesso, vide *O bandido da luz vermelha* de Rogério Sganzerla, homenageado no filme de Sérgio Resende pelo seu *A mulher de todos*. O diretor, apoiando-se em uma apresentação mais enxuta do que a do *Bandido*, aponta um caminho que, dentro da estratégia maior, não deixa de constituir uma boa tática de aproximação do público.

José Inácio Mello  
e Souza